

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$000 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 48

15 DE DEZEMBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO — As trovoadas, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Dr. José Teixeira de Queiroz — Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, A. FILIPPE SIMÕES — As nossas gravuras — Um conto do Natal, CUNHA E SA — Os pinheiros em Portugal, C. A. SOUSA PIMENTEL — Bibliographia — Aos leitores.

GRAVURAS. — Porto, Reboleira (parte demolida) — Dr. José Teixeira de Queiroz e Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, lentes da Universidade de Coimbra — Rapaz rufando n'uma pannela, estatueta de J. M. Rato Junior — Costumes portuguezes, Aldeã das margens do Mondego, Mulher da Gandara de Monte-Mór — Os pinheiros em Portugal, arvore secular — Um azeiro — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Em Paris, n'este momento, os bemaventurados do boulevard da opera, conchegados ao pé dos fogões, teem noticia pelas folhas do dia de que o thermometro marca ao ar livre, quinze ou dezeseis graus abaixo de zero; em S. Petersburgo o *nhilismo* enregelado accende minas para se aquecer — e fazer saltar o imperador; na propria Madrid a população agita as castanholas sobre a neve, e entretanto nós, n'este abençoado cantinho do Occidente, o que fazemos?

Nós repousados na beatifica indolencia dos *lazzaroni*, sob os resplendores beneficos de um formosissimo sol, lemos com pasmo a noticia de semelhantes aberrações thermometricas, ainda soffrendo a indignação que nos tinha causado a noticia de que o thermometro em Lisboa marcára hontem cinco graus ás sete da manhã.

Ora verdade, verdade, façamos justiça ao menos á temperatura do paiz. Portugal pôde não

ser propicio aos estadistas, mas evidentemente é propicio ás violetas.

E' um paiz para se tomar o sol!

Quem o possuir escusa d'accender fogão.

Aqui está o motivo porque tantos estados nos invejam. Aqui está explicada a razão porque a Inglaterra nos guarda com ciume, e a Hespanha nos olha com amor. Não é como nacionalidade que nos desejam, é como combustível.

Nas academias de Madrid deram agora os

sabios em fallar dos problemas que a Hespanha tem a resolver, e que, no entender d'elles, são os seguintes: — Marrocos Portugal e Gibraltar.

Que os bríos patrioticos se não vão sobriamente escravizar-nos, é talvez aquecer as mãos. Não lhe devemos querer mal por isso, pois que em Madrid faz muito frio ao passo que n'este momento por esse Aterro fóra ha ondas de luz consoladora, despresadas por nós, saturados de sol e saciados d'esta athmosphera tepida que á hora do meio dia respiramos.

Para não nos invejar n'este trance, é necessario ou ser um archanjo, ou então um esquimau.

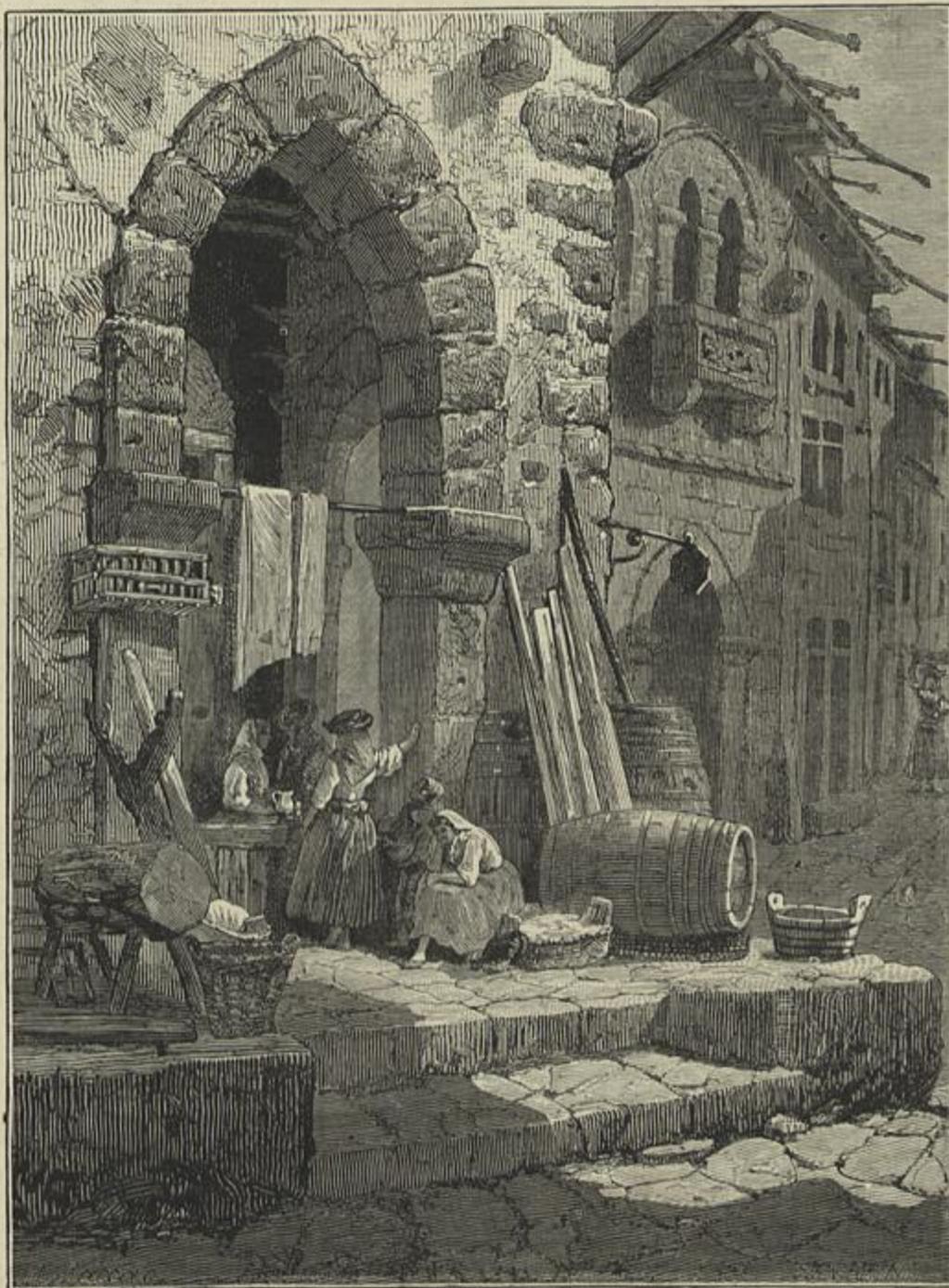
Sendo-se apenas academico é impossivel deixar de o fazer.

— Não era precisa certamente uma temperatura tão benefica para que o sangue se nos petrificasse nas veias, agora n'este momento, em que na direcção de Lisboa caminha a rhetorica provincial que no recinto de S. Bento ferirá a batalha donde vão faiscar os raios que devem atear o incendio constitucional no pinho das bancadas e *quicá* no craneo (ia para dizer na *pinha*) dos ministros.

As phalanges contendoras envergam as cotas d'armas, e cobrindo-se com os respectivos chapéus altos, provam impacientes o aço das espadas. Do lado do poder estão cem, do lado adverso estão vinte, tal qual succedia o anno passado por esta epoca quando os que n'este momento são governo eram então minoria.

Diga-se o que se disser, como paiz para tomar o sol e paiz para dar maioria os ministerios, não ha com certeza outro no mundo!

A curiosidade parlamentar que na proxima sessão legislativa vae despertar mais a attenção das galerias é a bancada sacerdotal enfileirada na maioria do governo.



PORTO — REBOLEIRA (Parte demolida) — (Aguarella de M. de Macedo)

A opposição tem querido ver n'esta bancada um symptoma de que a *hydra da reacção* intenta dar assalto á carta, insinuando-se no seio das instituições para assim ir subrepticamente, com ajuda de custo, minando as instituições, se bem que a respeito da referida hydra tanto a opposição como o governo não tenham até hoje mostrado qual seja em definitivo o seu modo de pensar.

Em Portugal não ha partido militante que deixe de nutrir um horror profundo pela *hydra da reacção* — quando a hydra commetta a patifaria inaudita de não votar com elle.

Em a hydra *alçando o colo* pelo partido regenerador, o partido regenerador é por ella; em o *alçando* pelo partido progressista, o progressista passa a adoral-a.

De resto não ha *partido novo* que não traga comsigo desde o berço, a rabear-lhe no seio, um bocadinho de *hydra*.

Sob o ponto de vista politico e constitucional, a questão agitada na imprensa, de se saber de que lado estão os *amigos das trevas*, não é pois uma questão de principios — é uma questão de votos.

Sim, por que debaixo do ponto de vista revolucionario, quer-me parecer que tantos sacerdotes tem justificado o sr. Fontes como o sr. Braamcamp, sendo igualmente certo que o chá da côrte de Roma tanto o tem tomado um como outro nas *soirées* dos srs. nuncios apostolicos.

— Na ultima semana o theatro nacional praticou a fineza de nos dar uma comedia e um entre-acto de auctores portuguezes, o que só pratica de tempos a tempos. Ultimamente os nossos theatros de declamação deram em nutrir-se com os melodramas lancinantes, de caracter mais acentuado, d'esses que em Paris fizeram, ha quarenta annos, as delicias da população das barreiras. Ou, quando não teem melodramas á mão, vão-se a um romance tetrico, abrem-n'o á fachada e extraem-lhe do interior todos os horrores necessarios para constituir uma carnificinia em seis actos, propria para arrancar as melhores lagrimas á sensibilidade das familias.

Ha gente que se encarrega, por preços modicos, d'estas execuções summarias que tanta preversão denotam.

Dizem que o paladar embotado do publico exige commoções violentas, e que peça sem um assassinato por acto e uma derrocada por epilogo, não pôde fazer caminho no nosso theatro. Na verdade, nos ultimos tempos, assim parece, e a predilecção publica divide-se irmãmente entre Ponson du Terrail e Offenbach. Os emprezarios que escripturem philosophos para lhe estudarem a causa d'esta aberração, pois que n'este momento na chronica não ha lugar para explicações demoradas.

O *Diz-se* de Gervasio Lobato que ha poucas noites subiu á scena no Gymnasio não é perfeitamente uma comedia; são cerca de quatro comedias desenroladas em quatro actos e confundidas entre si. Ha n'ellas bons ditos, boas situações e excellentes typos; simplesmente o estado embryonario da acção não permite que o publico encontre na peça aquillo a que vulgarmente se chama o *enredo*, e que constitue só por si, para as nossas platéas, todo o encanto do theatro.

Em França pôde salvar-se uma peça por meia duzia de bons ditos; entre nós é preciso e em primeiro lugar, um bom *enredo*, com meia duzia de bons lances.

Todos nós temos visto, na platéa do theatro lyrico, homens e senhoras, com o libreto da opera na mão, lendo attentamente, desde o começo do espectáculo até ao fim da noite, para ficarem bem compenetrados do *enredo*. Não se distraem um só momento nem com a musica nem com os cantores. Do *enredo* é que principalmente querem saber.

Ora o *Diz-se* não é peça que satisfaça as exigencias d'uma platéa portugueza, que pôde ter um bocado de sensibilidade mas de fórma alguma tem espirito; façamos-lhe essa justiça. Não procuremos porém salvar a peça em detrimento do *respeitavel publico*. O *Diz-se* tendo

bons ditos, não possui entretanto quanto baste para a tornar uma comedia nas condições requeridas em obras litterarias de semelhante natureza. Por este lado é condemnavel.

Todavia absolvamos o auctor. Se não fez uma boa comedia foi simplesmente por dois motivos; por ter tempo de menos e espirito de mais, e a prova é que muita gente que não sabe ler nem escrever tem triumphado pela simples razão de saber tecer apenas com paciencia o *seu enredo*.

Mas quem faz isso hoje? Os que não tendo orthographia nem estylo sufficiente para escreverem um folhetim, uma biographia, uma anedocta, uma critica, um romance, possuem todavia a tenacidade necessaria para conquistarem o vellocino d'ouro que, representado em quinze tostões, está guardado na gaveta do emprezario.

Paris em Lisboa, entre-acto de Moura Cabral, que subiu á scena na mesma noite, logrou alcançar um bello exito affirmando as disposições que no seu auctor se denotam para este genero litterario. N'um pequenino *lever de rideau*, não ha tempo d'exigir *enredo*. O *Paris em Lisboa*, logrou triumphar unicamente pelo espirito, e já não fez pouco.

— S. Carlos deu cabo de mais um barytono na ultima semana. Foi este barytono o sr. Mendioroz, que na qualidade de conde de Luna mostrou no *Trovador* possuir todas as qualidades necessarias n'um tyranno, incluindo a desafinação.

Pedem-se mais barytonos. Quem se achar nas condições exigidas, pôde dirigir-se ao cartorio da empresa, todos os dias das nove da manhã ás tres da tarde.

Annuncia-se a estreia do tenor Tamagno, o qual, segundo se diz, possui uma boa voz, tendo além d'isso um nome que se presta ao facil *calembourg* das secções recreativas das folhas periodicas.

Preparemo-nos todos para soffrer com resignação os trocadilhos que, a proposito do nome d'este tenor, vão no decurso do inverno fazer o giro dos circulos mais *letrados* da capital, formulando votos para que os senhores tenores adoptem nomes que não se prestem ao equívoco.

N'este momento falla-se muito em que é necessario crear um *partido novo*; indicam-se mesmo alguns nomes que devem constituir o referido partido, e ha quem pense que é necessario levar a cabo com brevidade esse melhoramento que tão util pode ser ao commercio, industria, carta e agricultura.

É uma idéa extremamente louvavel; simplesmente ha a objectar que um partido não se *cria* com a mesma facilidade com que se criam esses famosos cevados que por este tempo costumam estar expostos nas salchicheiras. Além de bolotas são necessarias tambem algumas idéas. Ora os novos *creadores* estarão preparados para esses gastos extraordinarios?

Tenham a bondade de ver se no seu sacco existe alguma coisa que não esteja no sacco dos outros...

Meus senhores; se o sapateiro amanhã vos apresenta umas botas novas feitas com cabedal de calçado velho, o que lhe fazem V. Ex.ª? Descompõem-n'o.

Pois é o que a posteridade provavelmente ha de fazer aos senhores.

GUILHERME D'AZEVEDO.

MANUEL BORGES CARNEIRO

I V

1828-1833

Para concluirmos de uma vez com o que apurámos relativo ao honrado Manuel Luiz, não interromperemos a sua historia. Casou e do seu matrimonio teve tres filhas e um filho; este falleceu em resultado de uma queda aos 10 ou 12 annos, lançando com a sua morte uma perturbação no cerebro de seu pae, que, felizmen-

te, algum tempo depois se restabeleceu. Em breve falleceu a esposa; as duas filhas mais novas de consumpção, o que destruiu cada vez mais o animo ao bom pae, que nada poupára para lhes dar uma educação esmerada. Emfim, cortado de desgostos, e conservando sempre viva a memoria do honrado amo que em seu testamento o contemplára largamente, e que por tantos annos lhe serviu como que de pae, descançou dos trabalhos d'este mundo a 23 de dezembro de 1862, sobrevivendo-lhe a filha mais velha, que ha dois annos foi reunir-se a seus paes e irmãos. Manuel Luiz guardou religiosamente os manuscritos de seu amo, e ainda deu á luz o 4.º vol. da edição preparada e dirigida pelo dr. Emygdio da Costa. Devemos a este illustrado jurista aquelle serviço, mas não podemos deixar de lamentar, que havendo tido trato e contractos com Manuel Luiz, não recolhesse d'elle tudo quanto sabia a respeito de Borges Carneiro, que era muito e formava o assumpto das suas mais ordinarias conversas, e não lançasse uma vista de olhos para as suas memorias manuscritas, que ainda então existiriam, com o que poderia ornar e prehencher a secca biographia, ou elogio que publicou do notavel patriota. Além dos desgostos que Manuel Luiz soffreu e mencionámos, ainda lhe sobreviveu um outro, porque uma criada velha que tivera durante trinta e seis annos, lhe foi á socapa dizimando os manuscritos de seu amo, e vendendo a um contractador de trapos para comprar rapé e vinho, ficando nós assim privados do muito que poderiam esclarecer nos os escriptos ainda que incorrectos do honrado magistrado. Em casa dos representantes de Manuel Luiz ainda existe o sacco de damasco carmezim forrado de grós de Napoles, em que era levada para as audiencias a beca do honrado jurisconsulto, e que Manuel Luiz conservava com veneração.

Em quanto Borges Carneiro soffria na torre de S. Julião, os incomodos e agravos que a sua posição ali excitava nos sectarios de D. Miguel, padecia a sua familia em Traz-os-Montes eguaes perseguições. Todas as suas irmãs (tres existiam então) foram offendidas mais ou menos, sendo a mais nova D. Marianna Raquel de Mello, preza á ordem do juiz ordinario de Rezende, José Manuel Teixeira Pinto (pelos crimes de ser irmã de M. B. Carneiro, e dar noticias e recebê-las dos culpados liberaes) e conduzida ás cadeias de Lamego, onde jazeu quatro annos! Não se lhe formou processo, como tambem se não formou a seu irmão, mas padecia muitas privações e máos tratos, o que então era o minimo dos tormentos que soffriam as familias liberaes, tudo por honra e gloria do altar e do throno! Quando os seus criados ou familia se dirigiam alli para a visitar, levar-lhe as coisas necessarias ou receber as suas ordens, eram demoradas horas e dias primeiro que obtivessem a licença precisa para a verem. Depois de solta, viveu ainda algum tempo com suas irmãs na casa e quinta das Cotas, solar de seu irmão, e foram desaparecendo uma apoz outra da face da terra e terminando a sua angustiada vida. E' hoje representante d'esta familia o ex.º sr. José Maria Cardoso Borges Coutinho, primo de Borges Carneiro e seu herdeiro, em cuja pessoa o governo de D. Maria II assentou as distincções que lhes aprouve, justificadas de sobejo pelos meritos proprios e virtudes herdadas do seu honrado parente. A este illustre cavalheiro devemos os esclarecimentos de que acabamos de nos aproveitar, assim como devemos muitos outros ao sr. José Luiz de Sousa, sobrinho do honrado Manuel Luiz, o que tudo agradecemos.

Em quanto estas scenas se passavam e se repetiam por todos os pontos do paiz, ía o nucleo do partido liberal engrossando; os proprios partidarios de D. Miguel, converteram com os seus excessos, muito realista ás idéas ou systema contrario. O punhado de heroes, que no meio dos alcantãs da ilha Terceira, conservára acceso o sagrado lume da liberdade, em geral, apenas coberto com uma leve camada de cinzas no peito de todos os aorianos, chamára a si a attenção geral. Todos

correram através de mil perigos, a juntar-se-lhes. E' sabido de todos como em breve foram libertadas as ilhas; como a expedição com o exercito liberal d'ali partiu, chegou e tomou o Porto; como este foi cercado, os perigos e privações que ali se correram; como os duques da Terceira e Palmella partiram para o Algarve, como este foi dominado, a esquadra miguelista tomada, Telles Jordão, o terrível Telles Jordão, vencido, derrotado, espedaçado, e entrada Lisboa a 24 de julho de 1833.

No entanto o cholera-morbus invadira o paiz e fazia milhares de victimas. Na torre de S. Julião, onde estava tanta gente accumulada e palpitante de ansiedade e esperança, entrou a devastação. Determinou esta circumstancia a

passagem de uma certa quantidade de presos d'alli para Cascaes. Entre estes foi o desembargador Borges Carneiro. O flagello porém começou a declinar, mas não quiz retirar-se sem levar consigo, talvez a sua victima mais illustre. Borges Carneiro fôra removido para Cascaes no dia 28 de junho, no dia 30 foi accommettido da terrível epidemia, e ao fim de quatro dias de soffrimentos falleceu a 4 de julho, vinte dias antes da libertação de Lisboa. Não quiz a Providencia que elle visse consolidada a obra porque tanto trabalhara! Quem sabe se elle vivesse, se a ingratição dos seus correligionarios não lhe fôra tormento mais duro que a tyrannia dos inimigos! Foi enterrado na explanada da praça, proximo de um muro, onde mão piedosa assignalou com uns traços a sua ultima morada, unico epitaphio que os homens então lhe poderam consagrar. Na mesma cova, e como, por desprezo, lançaram, — os homens que se diziam sectarios de uma religião de paz e caridade, — o cadaver de um obscuro tambor; este signal de desprezo, foi porém providencial, porque fez de futuro reconhecer os despojos do grande homem. Ouçamos agora Silva Lopes, a proposito d'esta morte e do varão que ella roubou, na obra já citada — *Historia do captiveiro dos presos*, etc.

« Bem sensível nos foi a falta de tantos e tão benemeritos companheiros, e muito mais particularmente a do sr. Borges Carneiro, que foi o ultimo que adoeceu. Entrou no hospital a 30 de junho e falleceu a 4 de julho, chorado de todos, presos e soltos, que ternamente o amavam por suas eminentes virtudes e patrioticas qualidades. Homem de vastos conhecimentos, bondade extrema de coração; bemfazejo, affavel, meigo para com todos; pomba sem fel, não podia conservar rancor a pessoa alguma. No meio dos ferros trabalhava, escrevendo sempre a favor da sua patria; os seus escriptos nas masmorras, em que fomos companheiros, dado que incorrectos, util seria fossem publicados para utilidade geral, principalmente algumas das cartas dedicadas á mocidade portugueza, que compoz nas abobadas do revelim, e me fazia obsequio de mostrar. Sei que no estado em que as deixou não podem ser publicadas, por terem a maior parte dos nomes escriptos só com as primeiras syllabas e varios periodos truncados, com receio de não serem encontradas em alguma revista, e que escaparam por ter tido oportunidade de remetter alguns papeis a seu benemerito e honradissimo criado Manuel Luiz, e morar em uma das casas interiores aonde os officiaes, já cançados, faziam a vista gorda; escapando-lhe por isso na ultima revista, por lhe lançar o sr. João Pedro da Silva um capote por cima do sacco que os continha, e afirmando outros companheiros que para aquelle lado já se havia passado revista.

« A exposição d'estas verdades é um justo tributo á memoria d'este digno varão e honrado patriota, e de que a amizade que lhe professava e com que elle me honrava, não me podia dispensar. Elle não carece de elogios. Bem estabelecida em Portugal e fóra d'elle é a sua

nomeada, cumpro porém o dever de fazer justiça ao merecimento.»

Agora repousam os seus ossos no jazigo municipal, trasladação com que se honrou a camara municipal de Lisboa. O seu retrato, tirado por Sequeira, como o de outros membros das côrtes de 1820, para o grande quadro que delinea, está hoje na Academia das Bellas-Artes e corre gravado por Queiroz.

Acrescentamos em fac-simile a assignatura de Borges Carneiro, para dar o ultimo traço do seu retrato.



Terminando diremos que pagamos, quanto em nós coube, o pequeno feudo do nosso respeito, á memoria do honrado cidadão, que ao adormecer no seio da patria, podia, como outro seu grande collega do seculo XVI, victima tambem de semilhante flagello, repetir com a mão sobre o coração, ao recordar-se dos seus serviços e sacrificios:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente.

BRITO REBELLO,

AS TROVADAS

A maior parte das pessoas, saturadas de educação mystica e de preconceitos catholicos, tem pelas trovoadas, por estas pacificas trovoadas europeas, um terror perfeitamente irracional e imbecil. E' certo que as pessoas eminentemente nervosas experimentam, sob a acção de uma forte tensão electrica, um mal estar geral, uma oppressão vaga, uma dyspnea que explica a inquietação que as toma perante uma tempestade eminente. Mas ha sujeitos, aliás de organização regularmente equilibrada e com educação scientifica mais ou menos completa, que ao fusilar de um relampago e ao estalar de um trovão, ficam inteiramente desvairados de terror e praticam toda a sorte de covardias ridiculas e infantis para se livrarem da remotissima probabilidade de serem fulminados por um raio. Ha alguns mesmo que ao simples aspecto dos cumulos silenciosos e torvos, que, como enormes balas de algodão em bruto, se acastellam no azul da atmosphera pelas tardes calmosas do estio, perdem a cõr, tornam-se inquietos e sombrios e inquirem, aterrados e apprehensivos, de todas as pessoas que os cercam, se haverá trovoadas. Outros, ao primeiro clarão de um relampago e ao mais leve susurro de um trovão longinquo, despojam-se apressados e tremulos, de todos os objectos de metal que trazem consigo, e correm a envolver-se em quantos cobertores encontram e a metter-se debaixo das camas, como rafeiros medrosos, acoçados por um lobo esfomeado. As mulheres, essas, coitadas, educadas na maxima parte, na mais passiva submissão religiosa, com o espirito impregnado de terrores da colera divina e ermo de noções positivas, esfalfam-se em resas e arruinam-se com promessas a Santa Barbara e com o dispendio de velas e de ramos bentos. Assisti algumas vezes, quando era criança, a essas scenas, e tenho-as impressas na memoria como se as presenciasse hontem.

Eu vivi alguns annos em casa de um tio, n'uma aldeia no concelho d'Agueda. Minha tia era uma boa velhinha pequenina, branca e doce como uma freira e de beatice pacifica, mas inalteravel e persistente como uma doenca chronica. Ao menor signal de trovoadas toda a familia da casa, incluindo o marido, que era um velho advogado, solemne e dogmatico como

um desembargador, mas egoista e devoto como um jesuita, incluindo as criadas e os criados, tudo se reunia na pequena sala de jantar, enfumada e escura — tendo apenas uma pequena janella envidraçada, dando sobre um telhado proximo — e em cuja mesa, encostada por um dos topos a uma das paredes da casa, havia um antigo oratorio de armario, que n'estas occasiões afflictivas descerrava as suas portas para exhibir, no meio de uma iluminação oscillante, dada por duas velas de cera benzidas, um Christo cruelmente crucificado pela impericia ingenua do artista, n'uma enorme cruz de pau preto. Ao lado da cruz e do Christo, de uma carnação amarellada e chlorotica, estavam, hirtas e frias, dogmaticamente envoltas nos seus mantos de seda azul desmaiada, com os olhos envidraçados, postos mysticamente no tecto do oratorio, com as mãos erguidas na postura convencional de uma prece interminavel, duas santas, cuja unção, devota e theatral, e cujo aspecto, lusidio e duro, me davam a vaga sensação, indefinida e disparatada, do contacto repugnante e frio de uma cobra d'agua doce. No fundo do oratorio, entre as santas e o crucifixo, luziam em scintillações metallicas os ouraios de uns velhos ramos empoados de flôres de papel, de côres extravagantes e desbotadas.

Toda a familia ajoelhava, aterrada e palida, em volta da mesa diante do oratorio descerrado e grave, e resava em cõr n'uma compunção atrapalhada e monotonas, as palavras da *Magnificat*.

A trovoadas corria lá fóra na atmosphera, soltando nos ares a sua voz poderosa e cheia, e a cada fulguração do relampago, que dava ás luzes do oratorio uma cõr avermelhada e sombria, e a cada ribombo do trovão, o mastigar monotonos da resa, cortada bruscamente pela voz dominadora e impassivel da tempestade, tomava umas entonações mais altas e apressadas, a que o terror dava umas vibrações de exoração compungida e lacrimosa.

Ao passo que a trovoadas se ia affastando até se dispersar de todo n'um rolar distante e preguiçoso como um bocejo, aquelles rostos violentamente distendidos pelo terror sagrado, iam-se desanuviando e tomando cõr, até que a resa terminava n'um ultimo *Padre Nosso* desopprimido e quasi tumultuario, por intenção dos que andavam sobre as aguas do mar.

Estas scenas beatas deixavam-me sempre o espirito infantil e impressionavel, profundamente revolucionado e nervoso. E precisei mais tarde, quando adquiri noções mais ou menos completas sobre assumptos metereologicos, de todo o esforço da minha vontade, para expulsar de mim este terror idiota perante um espectáculo quasi sempre de uma formosura larga e solemne, e cujas probabilidades de perigo são tão remotas, que o receio de um desastre pessoal se pôde capitular de eriancie diante das mais elementares considerações arithmeticas. Avaliemos, com effeito, a grandeza d'esse perigo.

Em Portugal, com os seus cinco milhões de habitantes, não morrem annualmente fulminados de raio cinco individuos. Supponhâmos porém, que morrem cinco, a percentagem da mortalidade é de 1 por cada milhão ou de 0,0001 por cento; quer dizer, de todas as causas de mortalidade, é esta por certo uma das mais insignificantes. Um golpe de sol, uma molhadella de pés, uma noite mal passada, o abuso mesmo accidental de bebidas alcoolicas, uma indigestão, um banho em más condições, uma qualquer falta de accio, um excesso de trabalho, uma forte inquietação, uma noite de baile, uma viagem em diligencia ou em caminho de ferro, a indigestão de uma simples fruta mal sazoadas ou de um alimento mal preparado, um innocente namoro intangivel de terceiro andar, são cousas muito mais perigosas e que dão muito maior contingente para as sepulturas do que uma trovoadas. E no entanto, nós praticamos todos os dias tranquillamente d'aquelles attentados contra a propria existencia, sem a preocupação do perigo que corremos, e sobresaltamos e enchemos-nos



DR. JOSÉ TEIXEIRA DE QUEIROZ

Lente da Universidade de Coimbra, fallecido em 14 de novembro de 1879
(Segundo uma photographia)

de um terror idiota perante a trovoadas mais bella e mais inoffensiva!

Mas ha mais: as trovoadas, que rariissimas vezes são causa de desastres pessoas, são sempre excellentes purificadores da atmosphera e um poderoso excitador das funcões da vida em toda a serie organica. Longe por isso de serem um agente de mortalidade, podem considerar-se pelo contrario como causas de conservação e de desenvolvimento da população.

Todo o mundo sabe, com effeito, que a scintilla electrica tem a singular propriedade de dar ao oxygeno, o elemento vivificador e mais abundante da atmosphera, uma modificação allotropica que o converte em ozone. O ozone é o oxygeno no estado nascente, com todas as propriedades vivificantes d'este gaz levadas a um alto grau de exaltação. Uma das propriedades do ozone é a de queimar as substancias organicas suspensas na atmosphera, substancias que são a causa de muitas doenças e epidemias. Um medico francez, comparando a mortalidade de Paris nos mezes de outubro, novembro e dezembro de 1869, 1871 e 1872, e cotejando esses algarismos com a direcção dos ventos e com a composição chimica do ar, chegou á conclusão de que a mortalidade está na razão inversa da quantidade de ozone contido na atmosphera. Apesar d'esta conclusão ser talvez scientificamente pouco legitima, attento o local da observação, local em que, como em todos os grandes centros de população, a composição chimica do ar ambiente é influenciada por mil causas poderosas e diversas, é certo, porém, que as descargas electricas provocando na atmosphera a formação do ozone, hão de por força ser eminentemente favoraveis á vida dos organismos, que, pelo seu constante trabalho de assimilação, da atmosphera tiram grande numero de elementos necessarios ao seu desenvolvimento.

O que legitimamente podemos concluir é que

as trovoadas, que rariissimas vezes são uma causa de morte, e n'este caso não passam dos mais insignificantes factores de mortalidade, são sempre poderosos excitadores das funcões vitales, e que, á parte a acção especial que possam ter sobre o systema nervoso de um ou outro individuo em particular, o susto e o terror que a maioria das pessoas sentem por ellas é por consequente perfeitamente irracional e imbecil.

As vezes esse terror, perante a formosura extraordinaria e ampla d'estes espectaculos, chega a provocar-me a indignação. Sobretudo á beira-mar ha occasiões em que as trovoadas são de uma belleza superior e unica. O proprio mar, com toda a sua brutalidade titanica, parece ter consciencia d'esta belleza e toma um ar recolhido como de pasmado diante d'aquelles esplendores. Os jogos fantasticos da luz, dados pela fulguração extensa e rapida dos relampagos que rasgam o seio profundo e escuro das nuvens em clarões fascinantes, reflectidos em scintillações feericas pela superficie immensa das aguas, que tomam um brilho metallico e doce; a tranquillidade recolhida do oceano; o perfil incerto das montanhas distantes da costa, que parecem a cada clarão do raio avultar nos ares e estremecer de amor aos beijos luminosos da tempestade; o rolar profundo e energico do trovão eccoando á solta por aquella immensidade das aguas e do céu

rados d'um relevo rembranesco, tudo isto constitue um quadro de uma belleza extraordinaria, grandiosa. E é perante elle que o homem, um ser que raciocina e sente, se torna d'um terror bestial e injustificado, pasmando aliás de puro extase deante d'um luar deslavado e semsabor, deante d'uma pequena paisagem regrada e fria ou de um arruamento de cidade espectacular e banal. E' que o homem é realmente o rei da criação, e como rei portanto... um misero.



DR. RAYMUNDO VENANCIO RODRIGUES

Lente da Universidade de Coimbra, fallecido em 22 de novembro de 1879
(Segundo uma photographia)

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879

SECÇÃO DE BELLAS-ARTES



RAPAZ RUFANDO N'UMA PANELLA

Estatueta de J. M. Rato Junior, premiada, e adquirida por Sua Magestade a Imperatriz do Brazil
(Segundo uma photographia de Serra)

em volatas poderosas e brutaes; as casas, os barcos, os menores incidentes da praia, que se illuminam a instantes na luz phosphorescente do relampago, tomando formas e aspectos igno-

rados d'um relevo rembranesco, tudo isto constitue um quadro de uma belleza extraordinaria, grandiosa. E é perante elle que o homem,

um ser que raciocina e sente, se torna d'um terror bestial e injustificado, pasmando aliás de puro extase deante d'um luar deslavado e semsabor, deante d'uma pequena paisagem regrada e fria ou de um arruamento de cidade espectacular e banal. E' que o homem é realmente o rei da criação, e como rei portanto... um misero.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

DR. JOSÉ TEIXEIRA DE QUEIROZ

O dr. José Teixeira de Queiroz Almeida Moraes Sarmento, lente jubilado da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, nasceu em Arcos de Valdevez no dia 4 de agosto de 1816.

Aparentado com algumas das mais nobres familias das provincias do norte, alistou-se na sua mocidade como cadete, no regimento de cavallaria 6 de Chaves, e por obediencia aos principios de cavalheirismo militar e fidelidade ás bandeiras que jurara, seguiu a causa de D. Miguel até á convenção de Evora-Monte.

Veiu depo s frequentar as faculdades de mathematica e philosophia no anno lectivo de 1837 a 1838, obtendo, pela sua intelligencia e applicação, premios e partidos em ambas as faculdades.

Formou-se em 1842, tomou o grau de doutor em 1844, e foi despachado em 1853 para o logar de substituto ordinario de mathematica. Regeu por muito tempo n'esta faculdade a cadeira de *Mechanica racional e suas applicações ás machinas*.

Em 1844 filiou-se no partido popular, a cuja causa prestou bons e rviços na revolução de 1846, em que tomou parte activa.

Em 1851 accitou o cargo de secretario geral do governo civil de Bragança, que serviu até 1853. Por quatro vezes foi eleito deputado, sendo a ultima eleição a 19 de outubro de 1879.

Jubilou-se em 1873 e falleceu em novembro de 1879 na sua casa de Arcos de Valdevez, com uma pneumonia dupla, aggravada por uma lesão de coração, que havia alguns annos padecia.

A. FILIPPE SIMÕES.

COSTUMES PORTUGUEZES



MULHER DA GANDARA DE MONTE-MOR (Desenho do natural por M. Macedo)

M. M. 1863



ALDEA DAS MARGENS DO MONDEGO (Desenho do natural por M. Macedo)

DR. RAYMUNDO VENANCIO RODRIGUES

O dr. Raymundo Venancio Rodrigues, lente de prima da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra e commendador da ordem de Nossa Senhora de Villa Vicosa, nasceu a 13 de maio de 1813 em Badem de Sirulá de Bardez, na India portugueza.

Em 1832 auctorisara o governo da metropole o vice-rei da India para escolher d'entre os mancebos que frequentavam as escolas, quatro, que se distinguissem pelo seu maior talento e applicação nos estudos, afim de seguirem os cursos superiores em Portugal. Foi um dos quatro escolhidos o dr. Raymundo Venancio Rodrigues, que, saindo de Goa para a metropole em 1833, se matriculou no anno seguinte nas faculdades de mathematica e de philosophia da Universidade.

Depois de formado e doutorado em 1839 e em 1840 na faculdade de mathematica, formou-se tambem na faculdade de medicina em 1843, e n'esse mesmo anno foi despachado para o logar de lente substituto extraordinario de mathematica.

Pela parte que tomou na defeza das idéas liberaes desde 1842 até 1849, foi n'este ultimo anno preso com outros adversarios da politica do conde de Thomar, conduzido para a Figueira e Buarcos, e d'aqui para Lisboa, onde entrou na cadeia do Limoeiro com os seus compasheiros d'infortunio.

Não se contentou o governo com esta violencia; demittira o dr. Raymundo do seu logar de lente substituto, nomeando para preencher a vaga outro doutor, em cuja politica podia desassombradamente confiar!

A demissão foi em 1847, e só em 1851 o governo reparou tão grave injustiça, nomeando o dr. Raymundo para o logar de lente cathedratico.

Foi muitas vezes eleito vereador da camara municipal de Coimbra, que lhe deve grandes melhoramentos, como são o alargamento da antiga rua de Coruche, hoje do Visconde da Luz, o cemiterio da Conhada e a arborisação das estradas e avenidas convizinhas da cidade.

Pelo seu nobre caracter e distinctas qualidades, o dr. Raymundo Venancio Rodrigues era geralmente estimado. Tinha um bom coração que o levava a julgar bem de todos, soffrendo por mais de uma vez as desastrosas consequencias d'esta sua generosa confiança. Parente extremo e amigo dedicado, não hesitava em fazer os maiores sacrificios pelas pessoas da sua familia ou da sua amisade.

Terminou a sua laboriosa e prestadia carreira a 22 de novembro de 1879, com geral sentimento da população conimbricense que deveras o estimavam.

A. FILIPPE SIMÕES

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO - REBOLEIRA

(Parte demolida)

Representa a nossa gravura uma curiosa antiguidade hoje demolida, da cidade do Porto. Todo aquelle tracto da cidade que se estendia desde S. Francisco até Miragaia, Porta-Nova, Postigo dos Banhos e Reboleira tem ido desaparecendo, para dar logar a novas ruas e edificios, levando comtudo, o camartello civilizador, não poucas curiosidades archeologicas, que não sabemos se foram devidamente photographadas e resguardadas pela respectiva camara municipal. Havia ali, na parte demolida, umas casas com janellas de estylo manuelino, perfeitamente caracterisadas, a porta nova e o postigo dos banhos. É na parte da Reboleira que foi demolida e que todos que visitaram o Porto, antes de 1872, terão naturalmente visto, que se achava o curioso specimen que foi habilmente copiado pelo sr. Manuel de Macedo, que d'ella compoz uma aguarella vendida para Liverpool e mais recentemente um quadro a oleo possuido hoje pelo sr. J. Batalha Reis, e que a nossa gravura reproduz fielmente, ficando pois aqui archivado aquelle venerando resto do Porto antigo.

RAPAZ RUFANDO N'UMA PANELLA

Esta graciosa estatuetta composta e executada pelo discepulo de Victor Bastos, José Morreira Rato Junior, foi premiada com a medalha d'ouro na exposição portugueza do Rio de Janeiro, aonde figurou, sendo ali comprada por Sua Magestade a Imperatriz do Brazil.

É a primeira producção que tão distincto estudante d'esculptura apresenta a publico, podendo considerarse sem favor, a revelação d'um talento que de certo honrará a arte nacional.

O mesmo estudante acaba de receber a medalha d'ouro no concurso trienal da Academia das Bellas Artes, pela sua estatua d'um *Spartano armando-se*

para a guerra; estatua que opportunamente reproduziremos pela gravura.

A composição que hoje damos, pela graça, pela singularidade, pela verdade e pela facilidade d'execução, deixa entrever no seu auctor, um artista das mais altas qualidades, a quem de certo aguardam os mais legitimos triumphos.

COSTUMES PORTUGUEZES

Mulher da Gandara de Monte-Mór
Aldeã das margens do Mondego

Representa a nossa gravura dois notaveis trages das aldeãs de Portugal. A mulher da Gandara de Monte-Mór é um typo muito distincto. As borlias e tope do chapéo, resto ainda talvez dos antigos usos goticos, dão uma feição muito singular ao povo d'aquella localidade. As grossas contas que lhe adornam o collo, o largo folho que ostenta a camisa, differente comtudo do folho das varinas, o colete de largo decote circuntado de bicos, e abroxado por seis grandes botões geralmente de prata, são tudo elementos curiosos e importantes para o paizagista e apreciador de typos originaes.

A outra, a aldeã das margens do Mondego, não tem tanta singularidade, mas ainda assim é typo caracteristico. Ao passo que o cabello da primeira é cortado curto, o d'esta divide-se sobre a testa em bastas madeixas; o rosto da outra apresenta-se livre, e o d'esta todo emoldurado em farto lenço de algodão; a saia da outra é mais curta, a d'esta mais comprida e com rofego; o chapéo é sem borlias mas mais largo e de copa mais baixa, e a ampla capa envolve e contorna-lhe o robusto tronco.

São dois specimens copiados do natural por Manuel de Macedo com toda a verdade e pureza, e que excitam interesse e sympathia.

UM CONTO DO NATAL

DE
BRET HARTE

Era pelo Natal. Ao mesmo tempo que as chuvas se despenhavam do céu, ia-se cobrindo a terra com o verdejante matiz da relva. A espaços, através das nuvens velozes e dos aguaceiros fugitivos, o sol banhava os desolados combros, operando um milagre, o milagre da resurreição após a morte, e dos proprios desfallecimentos da natureza agonisante, resurgiam os alegres esplendores da vida.

O mesmo vendaval que derribava as folhas resequidas alimentava os rebentos que as iam substituir. Não se davam os episodios de quando cae a nevada silenciosa; sobre os campos vivificados o lavrador tratava logo de acudir com o sulco do arado aos sulcos que as ultimas chuvas tinham deixado. Era talvez por isto que os verdejantes arbustos do Natal que decoravam a sala, tinham um aspecto como de arbustos de outras regiões, e formavam contraste frisante com as rosas que se entreviam de um modo indeciso através das janellas, quando o sudoeste lhes fustigava as macias petalas de encontro aos vidros.

— Agora, disse o doutor, chegando a cadeira mais para o lume e olhando com um ar bondoso mas firme para o semicirculo de cabeças muito louras que o rodeavam, é preciso, antes de eu começar a minha historia, que fique muito bem entendido que não me hão interromper com perguntas ridiculas. A primeira pergunta calo-me. A segunda, não terei remedio senão dar carolada para a direita e para a esquerda. Aquelle que traquinar com as pernas ou com os braços fica-se sabendo que está pedindo que lh'as cortem. Trouxe commigo os instrumentos, e nunca consinto que me interrompam com brincadeiras o que estou fazendo. Promettem?

— Sim, sim, clamaram simultaneamente seis vozes infantis.

Este côro foi comtudo seguido de uma duzia de perguntas umas atraz das outras.

— Silencio! Bob, põe os pés para baixo, e não continues a bater com essa espada. Flora ha de sentar-se ao meu lado, como uma senhorasinha, e dar o exemplo. Fung Tang pôde tambem ficar, se quizer. Agora, dêem menos força ao gaz; basta, assim, — o sufficiente para

o lume do fogão parecer mais brilhante, e as luzinhas do Natal sobresairem melhor! Callem-se todos! Aquelle que quebrar uma amendoa com os dentes, ou mastigar com ruido as suas passas, é posto fóra da sala.

Estabeleceu-se um silencio profundo. Bob poz a sua espada de banda, muito devagariinho, e começou a dar á perna com ar scismador. Flora, depois de endireitar com coquetismo a algibeira do seu pequenino avental, encostou o braço sobre o hombro do doutor, e consentiu que elle a puxasse para si. Fung Tang, o pagemsinho pagão, a quem n'esta occasião rara, davam licença de presenciar na sala o folguedo do Natal, observava o grupo com um sorriso, ao mesmo tempo meigo e philosophico. A leve pancada de um relógio francez, collocado em cima da pedra do fogão, sustentado por uma pastorinha de compleição de bronze e grande symetria de fórmãs, era o unico ruido que perturbava a paz do aposento, paz propria da noite de Natal, e no meio da qual as emanações dos arbustos, dos bonitos novos, das caixinhas de cedro, da cola e do verniz pairavam n'uma combinação harmoniosa que excedia toda a concepção.

«Ha de haver agora uns quatro annos, começou o doutor, fazia eu parte de um curso em certa cidade. Um dos professores, sujeito muito sociavel e excellente, ainda que um pouco pratico e cabeçudo, convidou-me para sua casa n'uma noite de Natal. Estimei muito, porque estava ancioso por ver um dos seus filhos que, apesar de só ter doze annos, era, segundo diziam, muito intelligente. Não me atrevo a dizer-lhe quantos versos latinos aquelle sujeitinho podia recitar, ou quantos versos inglezes elle tinha composto. Em primeiro logar, porque haviam de querer que os recitassem, e em segundo logar, não sou competente para ajuizar de versos, quer latinos, quer inglezes. Havia porém gente entendida que dizia serem admiraveis para uma criança, e todos lhe prediziam um brilhante futuro. Todos, menos o pae. Abanava a cabeça com ar de duvida, sempre que lhe fallavam por esse theor, porque, como já lhes disse, era homem pratico, positivo.

«Havia n'quella noite uma bella reunião em casa do professor. Todas as crianças da vizinhança ali se achavam reunidas, e entre ellas estava o intelligente filho do professor, Roberto, como lhe chamavam, um pequeno enfezadinho, do tamanho ahi do Bobby, e tão bonito e tão delicado como aqui a Flora. Era doente, dizia o pae; raro ia brincar com os outros pequenos, preferindo ficar em casa a parafusar nos seus livros e a compor o que elle chamava os seus versos.

«Ora bem, nós tínhamos uma arvore tal qual esta, e havíamos estado a rir e a conversar, dizendo alto os nomes dos meninos que tinham presentes na arvore, e todos se sentiam alegres e felizes, quando um dos pequenos soltou de repente uma exclamação de surpresa e hilaridade.

— «Aqui está uma coisa para o Roberto, e o que julgam que é? disse elle.

Todos advinhámos: uma escrevaninha; um Milton; uma penna de ouro; um dictionario de rimas.

— «Não!

— «Então o que?

— «Um tambor!

— «Um que? perguntaram todos.

— «Um tambor! com o nome do Roberto escripto!

«Effectivamente era um tambor. Um tambor de bom tamanho, brilhante, novo, de caixa de metal, um tambor com um papel que dizia: Para Roberto.

«Já se vê, todos nos pozemos a rir, e achámos graça n'aquillo.

— «Já vêes que has de fazer barulho no mundo, ó Roberto! disse um.

— «Ahi está pergaminho para o poeta, disse outro.

— «E' a ultima obra de Roberto encadernada em pelle de carneiro, acrescentou um terceiro individuo.

—«Rufa lá uma peça classica, ó Roberto! clamou um quarto.

«E assim por diante. Mas Roberto parecia muito mortificado para poder fallar. Mudou de côr, mordeu os labios, e afinal desatou n'um grande chôro e foi-se embora. Os que tinham gracejado com o caso sentiram-se então vexados, e começaram todos a perguntar quem tinha ali posto o tambor. Ninguem sabia, ou se alguém sabia, fel-o calar a subita sympathia que a sensível criança despertára. Até se chamaram e interrogaram os criados, mas nenhum pôde dar a mais pequena informação. E, o que foi mais singular, todos declararam que até ao momento de ser apresentado o tambor, não o tinham visto pendurado na arvore. E eu, o que penso eu? Cá-tenho a minha opinião. Mas não quero perguntas. Basta que saibam que Roberto não tornou a apparecer n'aquella noite, e d'ahi a pouco a reunião findava.

«Quasi me havia esquecido d'estas coisas, porque a guerra da Rebelião rebentára na primavera seguinte, e tendo sido nomeado cirurgião de um dos novos regimentos, pozera-me a caminho do theatro da lucta. Mas tinha que atravessar a cidade onde vivia o professor, e ali o encontrei. Perguntei logo pelo Roberto. O professor abanou a cabeça melancolicamente.

—«Não tão bem, disse; depois que o vio no ultimo Natal, tem decahido. E' um caso muito estranho, accrescentou, dando-lhe um nome latino muito comprido. Mas vá o senhor mesmo vel-o, instou; a sua presença pôde distrahir-o e fazer-lhe bem.

«Em vista d'aquillo dirigi-me a casa do professor, e fui encontrar Roberto deitado n'um sofá, amparado com almofadas. Em roda tinha os seus livros espalhados, e o que produzia singular contraste, o tambor de que lhes fallei estava pendurado n'um prego, exactamente por cima da sua cabeça. Tinha o rosto magro e cavado, umas rosetas vermelhas nas faces e uns olhos muito brilhantes e muito grandes. Gostou de me vêr, e quando eu lhe disse para onde ia, fez-me muitas perguntas a respeito da guerra. Julgava que lhe havia completamente distrahir-o o espirito das suas fantasias languidas e doentias, quando me agarrou subitamente na mão e me puxou para si.

—«Doutor, disse-me muito baixinho, não se ri de mim se lhe disser uma coisa?

—«Oh não, não, com certeza.

—«Lembra-se d'aquelle tambor? continuou apontando para o bonito, que reluzia de encontro á parede. Sabe tambem como me foi dado. Poucas semanas depois do Natal, estava eu aqui quasi a dormir e o tambor estava pendurado, quando de repente o ouvi pôr-se a tocar; principiou baixo e devagarinho, depois mais alto e mais rapido, e afinal encheu a casa com um rufo. Por noite velha, tornei a ouvir-o. Não me atrevi a dizer nada d'isto a ninguem, mas desde aquella todas as noites o ouço.

«Calou-se e fitou-me ancioso.

—«Algumas vezes, proseguiu, toca baixinho, outras alto, mas vai sempre crescendo até um grande rufo, tão alto e assustador que estou a vêr se de um momento para o outro entra alguém no meu quarto a perguntar o que é. Mas desconfio, doutor, desconfio, repetiu vagarosamente, levantando os olhos para mim com ar de dolorosa persuasão, que ninguem mais o ouve senão eu.

«Tambem me pareceu o mesmo, mas perguntei-lhe se nunca o tinha ouvido em outras occasiões.

—«Uma vez ou duas, de dia, respondeu, quando estava a ler ou a escrever; mas então muito de rijo, como se estivesse zangado, e procurasse por aquelle modo desviar-me a attenção dos livros.

«Olhei-lhe para a cara e tomei-lhe o pulso. Tinha os olhos muito brilhantes e o pulso agitado e apressado. Eu então procurei fazer-lhe comprehender que estava muito fraco, e que os seus sentidos tinham muita agudeza, como succede a muita gente; e como era que quando

elle lia, ou tomava interesse e se excitava, ou quando estava cansado, á noite, o pulsar de alguma grande arteria produzia as pancadas que elle julgava ouvir. Escutou-me com um triste sorriso de descrença, mas agradeceu-me, e d'ali a pouco retirei-me. Quando descia a escada, encontrei o professor. Disse-lhe qual a minha opinião áquelle respeito. Mas bem, não importa agora qual fosse.

—«Precisa de ar fresco e de exercicio, voltou-me o professor, e alguma experiencia pratica da vida.

«O professor não era mau homem, mas andava um pouco apoquentado e impaciente, e entendia — como succede a muita gente esperta — que as coisas de que não percebia eram, ou tolas ou idignas.

«Sai da cidade n'aquelle mesmo dia, e no meio da excitação dos hospitaes e dos campos da batalha, esqueci tudo o que dizia respeito a Roberto, nem mais ouvi fallar d'elle, até que um dia, encontrando um antigo collega do exercito que havia conhecido o professor, disse-me elle que Roberto quasi endoicera, e n'um dos accessos fugira de casa, e como nunca mais o tinham visto, receiavam que houvesse caído ao rio e morresse afogado. Como podem imaginar, fiquei n'aquelle momento terrivelmente impressionado; mas, valha-me Deus, eu vivia então justamente em meio de scenas tão terribes e desagradaveis como aquella, e não dispunha de tempo sufficiente para chorar a sorte do pobre Roberto.

«Foi pouco tempo depois d'aquella noticia que tivemos uma terrivel batalha, em que uma parte do exercito foi surpreendida e rechaçada com enormes perdas. Destacaram-me da minha brigada para correr ao campo da batalha e ajudar os cirurgiões da derrotada divisão, que não podiam dar vencimento ao que tinham que fazer. Quando cheguei ao celloiro que servia de hospital temporario, puz-me logo em actividade. — Ah! Bob, disse o doutor, tomando com ar pensativo a espada que o meio assustado Bob segurava nas mãos e empunhando-a gravemente, estes bonitos são symbolos de bem crueis e horrendas realidades.

«Dirigi-me a um alto e apessoado filho de Vermont, continuou o doutor muito vagarosamente, riscando no tapete do fogão com a ponta da espada, que estava gravemente ferido em ambas as pernas; não obstante, poz as mãos e supplicou-me que fosse socorrer outros que precisavam mais de socorro do que elle. A principio não fiz caso da sua supplica, porque esta especie de desinteresse era então muito vulgar no exercito. Elle, porém, continuou:

—«Pelo amor de Deus, doutor, deixe-me; ha um tambor do nosso regimento — uma creança apenas — que está a morrer, se não morreu já. Vá vê-lo primeiramente. Jaz para ali. Salvou mais de uma vida. Estava esta manhã no seu posto, por occasião do panico, e salvou a honra do regimento.

«Impressionou-me mais o modo do homem, do que o sentido das suas palavras, as quaes, ainda assim, eram corroboradas pelos outros desgraçados estendidos em volta de mim, e impressionou-me tanto que me dirigi, sem me importar com elles, para o sitio onde jazia o pequeno com o seu tambor ao lado. Deitei-lhe um simples olhar, e — sim, Bob, sim meus filhos, reconheci aquelle rosto, — era Roberto.

«Oh! não era preciso a cruz a giz, que o meu collega traçara na grosseira taboa onde Roberto estava estendido, para se conhecer quão promptos socorros carecia; não eram precisas as palavras propheticas do soldado de Vermont, nem o suor que lhe empastava os anneis do cabello castanho na pallida fronte, para se avaliar quão sem esperanza eram agora esses socorros. Chamei-o pelo nome. Abriu os olhos — maiores pareceram em presença da nova visão que já principiava a desdobrar-se ante elles — e reconheceu-me.

«Ainda bem que veio, disse-me baixinho, mas não me parece que me possa valer de alguma coisa.

«Não lhe podia mentir. Não lhe podia dizer coisa alguma. Limitei-me a apertar-lhe a mão.

—«Mas falla decerto com o pae, e pedir-lhe ha que me perdoe. Só eu sou o culpado. Foi preciso muito tempo primeiro que eu comprehendesse porque é que o tambor me coube em sorte n'aquella noite de Natal, porque é que me chamava todas as noites e o que elle queria dizer. Compreendendo agora. Está tudo acabado, e sinto-me satisfeito. Diga ao pae que foi melhor assim. Eu só viveria para o impacientar e crear-lhe difficuldades, e diz-me cá dentro uma coisa que isto assim é justo.

«Ficou socegado por um momento, e depois, agarrando-me na mão, disse-me:

—«Escute!

«Puz-me á escuta, mas só ouvi os gemidos abafados dos feridos que me rodeavam.

—«O tambor, tornou em voz fraca, não o ouve? O tambor chama por mim!

«Estendeu o braço para onde o tambor estava, como se o quizesse abraçar.

— Escute, é a alvorada. Lá estão formados para a revista. Não vê o sol scintillar na extensa fila de baionetas? Brilha-lhes o rosto, — apresentam armas, — ahi vem o general; mas não lhe posso fitar o rosto, por causa do esplendor de gloria que lh'o circunda. Vê-me; sorri, e...

«E com um nome nos labios que aprendera havia muito tempo, caiu prostrado sobre as taboas, e ficou immovel.

«Acabou-se. Nada de perguntas; não se quer saber o que foi feito do tambor. Quem está para ahi a choramingar? Valha-me Deus que temos desmaios.

A. M. DA CUNHA E SÁ.

OS PINHEIROS EM PORTUGAL

ARVORE SECULAR

Os pinheiros constituem uma das nossas riquezas florestaes mais importantes, porque occupam grandes extensões e fornecem productos de muito valor. As suas madeiras não só são empregadas no paiz em uma multiplicidade de construcções, mas tambem alimentam um commercio de exportação muito avultado, que compensa o que despendemos com os taboados e vigamentos que importamos da America e norte da Europa. Os pinhaes fornecem ainda as lenhas que se consomem nas nossas grandes povoações, e produzem além d'isto a essencia de terebentina, as resinas, o alcatrão, o pez, etc., que tem applicações industriaes muito uteis e valiosas.

A nossa gravura representa um dos maiores pinheiros bravos, que se encontram no pinhal de Leiria e dá perfeita idéa do maximo crescimento que estas arvores podem atingir no nosso paiz, quando deparam com as condições de vegetação, que lhes são mais propicias.

Mede aquelle pinheiro, que está situado no alto da Alvinha 39 metros de altura e 3 de circumferencia junto do solo.

Este desenvolvimento em grossura ainda pôde ser excedido, pois se encontram ali alguns pinheiros com 4 a 4^m.4 de circumferencia no pé.

Estas arvores gigantescas, que rivalisam com os magestosos abetos das florestas allemãs, devem ser cuidadosamente conservadas, de modo que só o correr dos annos, e não o machado, faça baquear estes raros colossos das nossas florestas.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Nem olho em carta nem mão em arca.

UM ACEIRO

São os incendios um terrivel inimigo das arvores resinosas e frequentes vezes irrompem nos pinhaes, causando quasi sempre consideraveis prejuizos.

O solo d'estas mattas apresenta-se muitas vezes em condições que tornam os fogos muito perigosos: as plantas de matto e arbustivas, como são as estevas, urzes, tojos, giestas, medronheiros, carrascos, etc., juntas com caruma e braças seccas de pinheiros, formam um matagal muito combustivel, onde a mais pequena faulha, durante os mezes mais quentes do anno, pôde atear facilmente um violento incendio, que depressa se communica á casca rugosa dos troncos e ás copas dos pinheiros. Quando o vento sopra com força, o incendio caminha rapidamente e destrõe toda a vegetação que encontra deante de si.

Para se limitarem quanto possivel estes desastrosos effeitos, costuma-se abrir os *aceiros* ou *atalhados*, que são largas ruas limpas de mattos e arvoredos, as quaes dividem o pinhal em diversos talhões e são destinadas a circum-crer o incendio na parte onde se manifestou, evitando-se que passe a outros talhões do pinhal, o que nem sempre se consegue, porque algumas vezes as faulhas e pinhas incendiadas galgam os aceiros e vão propagar o fogo a grandes distancias.

A gravura representa parte de um d'estes aceiros do pinhal de Leiria, — o do Fontes ou da Garcia, na extensão de perto de um kilometro, distinguindo-se no fim um pequeno *chalet*, onde habita um guarda florestal. De um e outro lado do aceiro, vêem-se alguns pinheiros velhos, notaveis pela sua pouca folhagem, ramos um pouco pendentes e troncos muito elevados e nus: são os restos de um antigo povoamento, que produziu por meio da disseminação natural a criação do extenso e continuo massivo de novos pinheiros, que se observa por baixo das copas das antigas arvores ainda existentes.

Estas duas gravuras são copia de photographias do sr. Francisco Carlos Ferreira de Loureiro, photographo amator muito habil, e fazem parte de um livro sobre pinhaes, seutos e montados que brevemente espero entregar á publicidade.

C. A. DE SOUSA PIMENTEL.

BIBLIOGRAPHIA

LORD BYRON EM PORTUGAL, por Alberto Telles. — Poderia já ser tarde para fallar d'este interressantissimo estudo se por ventura o livro do sr. Alberto Telles fosse da ordem d'aquelles que, d'antemão condemnados a uma vida ephemera, reclamam logo desde o primeiro instante do seu nascimento, o baptismo da critica, sob pena de passarem sem o publico dar por elles. *Lord Byron em Portugal* é dos livros que ficam. Comprehende-se por tanto que não nos tenhamos dado pressa em apontal-o á attenção dos leitores consciõs de que por muito tarde que chegassemos o livro sobreviria forçosamente muito ao ecco das nossas palavrás.

Já o temos dito mais de uma vez. Não faremos critica de livros por que na resumida secção bibliographica do OCCIDENTE não ha lugar para largas considerações eruditas. Diremos apenas de passagem qual o nosso pensar a respeito das obras com que os seus auctores nos obsequieiam.

Lord Byron em Portugal é o livro de mais curiosa investigação que nos ultimos tempos tem sahido dos prelos portuguezes. O auctor acompanha o celebre poeta inglez na sua celebrada excursão pelo nosso paiz, fazendo reviver os personagens e os costumes da epocha em que o auctor do *Child Harold* visitou Portugal, epocha que sem ser muito recuada nem por isso deixa de ser mais ignorada do nosso tempo, do que talvez o primeiro periodo da monarchia.



OS PINHEIROS EM PORTUGAL — ARVORE SECULAR

(Segundo uma photographia de Ferreira de Loureiro)



UM ACEIRO (Segundo uma photographia de Ferreira de Loureiro)

Tem-se fallado vagamente na viagem de Lord Byron a Portugal e de certos remosques do poeta a proposito dos nossos costumes. No livro do sr. Alberto Telles esclarecem-se t dos estes pontos. E não só Lord Byron com o seu caracter aventureiro revive n'essas paginas, mas revive a velha Lisboa com todas as contendas que a agitaram nos começos d'este seculo. As 150 pa-

ginas que constituem o *Lord Byron em Portugal* são pois das que deixam no espirito mais do que uma agradável remeniscencia; deixam uma util lição.

JORNAL D'HORTICULTURA PRATICA, VOL. X. Director, Duarte d'Oliveira Junior. Porto. — Completou o decimo anno da sua publicação, esta revista agricola, uma das mais interessantes que vêem a luz no nosso paiz. Devido aos esforços do sr. Duarte d'Oliveira Junior o *Jornal d'Horticultura Pratica*, representa um grande esforço de vontade, uma tenacidade pouco vulgar no trabalho, sobretudo se nos recordarmos que a sua publicação foi empreendida n'um periodo em que a indiferença pelas coisas agricolas, de mãos dadas com a rotina nacional, conspiravam contra tudo em que se manifestasse o mais pequeno vislumbre de sciencia. O sr. Duarte d'Oliveira Junior tem sido um dos mais extrenuos iniciadores d'esse movimento salutar que nos ultimos tempos começa a chamar a attenção dos homens estudiosos sobre as questões agricolas do nosso paiz. Para comprovar a sua actividade, o seu estudo e a sua perseverança, abí estão agora os dez volumes da excellente revista a que nos referimos e que constituem na sua especialidade um dos mais completos repositórios de conhecimentos uteis que por ventura se podem recommendar ao publico.

AOS LEITORES

Conclue com este numero o segundo anno da publicação do OCCIDENTE. O favor publico continuou como no primeiro anno a recompensar os esforços da *empresa*, e se não nos compete galardão mais pomposo, a nossa consciencia satisfaz-se com o modesto exito alcançado. O OCCIDENTE manteve plenamente o seu programma. Procurou ser uma illustração exclusivamente nacional. O que é deve-o unicamente ás forças artisticas do paiz, tendo desistido sempre de se enfeitar com as galas em segunda mão que tão facilmente se obtem do estrangeiro.

Já agora seguirá no trilho encetado convencido de que o cumprimento fiel do seu programma não será de todo improficuo para a arte nacional.

Continuamos a não desenrolar as pompas de facéis promessas. O OCCIDENTE vae entrar no terceiro anno da sua publicação animado do mais decidido intento de se collocar á altura do acolhimento que do publico de Portugal e Brazil tem alcançado.

Nada mais e nada menos.

Folheando os dois volumes publicados o leitor facilmente se convencerá de que dados os recursos artisticos do paiz e a parcimonia de factos e d'acontecimentos que caracterisam o meio em que vivemos, difficilmente se poderia conseguir muito mais.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.